



COLEÇÃO
Solon Ribeiro

Nos anos 90, Solon Ribeiro herdou de seu pai uma imensa coleção de mais de trinta mil fotogramas de cinema (déc. de 20 a 60), sendo constituído de 6.000(seis mil) fotogramas catalogados e 25.000 (vinte e cinco mil) que ainda não foram catalogados.

Esses fotogramas em geral mostram os atores principais dos filmes e foram cuidadosamente guardados em álbuns feitos para esse fim, contendo o nome e o ano da produção.

Há um grande desejo de assegurar que todo o acervo seja devidamente preservado e catalogado, e assim oferecer oportunidades de acesso para pesquisadores e estudiosos no Brasil e exterior.

O QUE É A COLEÇÃO

O acervo conta com fotogramas da cena do primeiro beijo do cinema, trocado por Mary Irvin e John C. Rice e quase mil fotogramas (dentre os catalogados) do cinema nacional: vários fotogramas do clássico 'O cangaceiro' de Lima Barreto (1953); Carmen Miranda em 'Uma noite no Rio' (1941); Oscarito em 'Matar ou correr' (1954); Zé Trindade, Nelson Gonçalves, Emilinha Borba, John Herbet em 'O Feijão é nosso' (1955), e muitos outros como Grande Otelo, Ângela Maria e Tônia Carneiro.

Fazem parte da coleção, clássicos do cinema como:

Judy Garland em 'O Mágico de Oz' (1939).

Humphrey Bogart e Ingrid Bergman em 'Casablanca' (1942).

Marlon Brando em 'O Selvagem' (1953).

Brigitte Bardot em 'Brotinho de outro mundo' (1956).

Grace Kelly e James Stewart em 'Janela indiscreta' (1954).

Orson Welles em 'O amanhã é eterno' (1946).

Rodolfo Valentino em 'O Filho do Sheik' (1926).



Sasanne
Pleshete

-106-



Dorothy Lamour



Dorothy Lamour



Dorothy Lamour



Dorothy Lamour



Dorothy Lamour



Dorothy Lamour



Dorothy Lamour



Dorothy Lamour



Dorothy Lamour



Dorothy Lamour

LABRO ITALIANO



Troy Donahue



Susanne Pleshete



Troy Donahue

COMO COMEÇOU

A coleção foi iniciada nos anos de 1930 pelo senhor Ubaldo Uberaba Solon, avô de Solon Ribeiro, que era dono de uma sala de cinema no interior do Ceará e comprava rolos de filmes e cortava cada imagem. O pai de Solon - Sr. Eduardo Solon*, que era ao mesmo tempo advogado, biólogo e professor - continuou a coleção. Os sete filhos homens não se furtaram. Era uma mania na família. "Essa coleção que eu herdei tem todos os clássicos: o primeiro beijo no cinema, todos os Tarzans. Tem tudo até pelo menos nos anos 70."

Os fotogramas foram cuidadosamente guardados em álbuns feitos para esse fim, contendo o nome e o ano da produção. Porém, grande parte da coleção está fora desses álbuns e foi conservada de forma imprecisa, dificultando a identificação dos filmes de que foram extraídas.

É a maior coleção de fotogramas do país. São mais de meio século de seleção e coleta de fotogramas, resultando em precioso acervo que registra fases importantes do cinema mudo à década de 60.

* na pág. 17: íntegra da matéria sobre Sr. Eduardo Solon, publicada no Jornal O Povo.



OBJETIVO DO CONTATO

A relevância dessa coleção, seu valor simbólico, histórico e cultural tem nos mobilizado a buscar meios de preservação e difusão dessa memória, como forma de amplificar os limites do que parece ser apenas um instante, um corte. Sabemos que a dedicação dessas gerações de colecionadores tem sido o motor que tem levado adiante o grande legado que se construiu sobre a história do cinema, num século tão fecundo.

Preservar, organizar e divulgar esse acervo que contempla momentos tão importantes e belos do cinema é nosso grande desafio. Temos certeza de que o Instituto Moreira Salles pode nos ajudar nessa empreitada. Como sabemos, há mais de vinte anos o IMS vem promovendo o contato direto entre pesquisadores/usuários em geral e acervos artísticos de nosso país. É notório o reconhecimento e estímulo dado pelo instituto ao trabalho de pesquisa por meio de aquisição de acervos e desenvolvimento de programas culturais.



SOLON RIBEIRO

artista visual, fotógrafo, professor e curador, com formação em comunicação e arte pela L'école Supérieure des Artes Décoratifs, Paris-France, tem seus trabalhos voltados para a imagem fotográfica.

PRINCIPAIS EXPOSIÇÕES

- 2010- Quando o cinema se desfaz em fotograma- Galeria Virgilio- São Paulo.
- 2010- Hélio Oiticica em mitos vadios- Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães- Recife/PE.
- 2009- Quando o cinema se desfaz em fotograma- Funarte – Rio de Janeiro
- 2009- Quando o cinema se desfaz em fotograma- Centro Cultural Banco do Nordeste Fortaleza CE.
- 2006- Mitos vadios – Anotações Fotográficas – MAC- Centro Dragão do Mar – Fortaleza – CE.
- 2006- O Golpe da Corte – Centro Cultural Banco do Nordeste – Fortaleza-CE.
- 1999- ENTREFOTOS – Museu de Arte Contemporânea – João Pessoa – PB.
- 1998- Vida e Morte da fotografia – Galeria Zelinda Lima – São Luis – MA.
- 1997- Vida e Morte da fotografia – Tele ceará – Fortaleza-CE.
- 1990- A Revolução Passando – Galeria da Aliança Francesa – Fortaleza-CE.
- 1990- Duchamp, Yves Klein, Andy Warhol, Visto por: Solon Ribeiro Galeria L'art Modest – Paris – FRANÇA.
- 1990- Eu Sou a Máquina – ENSAD – Paris – FRANÇA.
- 1985- A Procura de uma foto-Rock – Brasília.
- 1983- Aí de Mim Cultura – Fortaleza-CE.

PRINCIPAIS COLETIVAS

- 2011- De casa para o mundo Do mundo para casa - MAC do Centro Dragão do Mar – Fortaleza-CE.
- 2011- EXPOSIÇÃO COLETIVA DOS ARTISTAS REPRESENTADOS PELA GALERIA Galeria Virgilio São Paulo/SP
- 2008- Circuito Intensivo- Funarte, Alpendre, Fortaleza-Ce.
- 2007- ARTE PARÁ - Belém.
- 2007- A Fotografia em Perspectiva – Museu de arte moderna de são Paulo.
- 2005- Viva a Natureza Morta – MAC do Centro Dragão do Mar – Fortaleza-CE.
- 2003- 56° Salão de Abril – Fortaleza-CE.
- 2003- Experimental-Museu de Arte Contemporânea do Centro Dragão do Mar – Fortaleza-CE
- 2003- FOTOARTE – Galeria de Arte Vicente Leite – Fortaleza-CE.
- 2000- “Fotografia no Espelho” – Museu de Arte Moderna – São Paulo-SP.
- 1999- Bial Norte e Nordeste de Fotografia – Sobral-CE.
- 1999- V Prêmio CDL de Artes Plásticas – Fortaleza-CE.
- 1993- 44° Salão de Abril – Fortaleza-CE.
- 1991- Perto do Coração Selvagem – Galeria Aspekte – Munique Alemanha

OBRAS EM ACERVOS

- Museu de arte moderna de São Paulo.
- Museu de Arte Contemporânea do Centro Dragão do Mar – Fortaleza-CE.
- Funarte- Fundação Nacional de Arte - Rio de Janeiro /RJ.
- Centro Cultural Banco do Nordeste.
- Museu de Belas Artes - Rio de Janeiro /RJ.
- Museu de Arte Moderna Aluísio Magalhães Recife/PE.

PUBLICAÇÕES

- “Lambe-Lambe”, pequena História da Fotografia Popular.
- Golpe do Corte.

NOTÍCIAS SOBRE SOLON RIBEIRO

- Revista ISTO É: Nº Edição: 2123 | 16.Jul.2010 -
Janelas do cinema- Artistas derrubam fronteiras entre cinema, vídeo e artes plásticas em três exposições.
*íntegra da matéria na pág. 10
- ART | REF- referência e notícias em arte contemporânea | 06.Jul.2010 -
www.arteref.com
Solon Ribeiro na Virgilio
*íntegra da matéria na pág. 11
- FUNARTE - PORTAL DAS ARTES | 21.Dez.2009 -
‘Quando o cinema se desfaz em fotograma’ estreia dia 22 no Rio
*íntegra da matéria na pág. 12
- DIÁRIO DO NORDESTE - CADERNO 3 | 20.Out.2009 -
A vida em celulóide
*íntegra da matéria na pág. 13
- DIÁRIO DO NORDESTE - CADERNO 3 | 03.Abr.2008 -
Eu e os meus fotogramas
*íntegra da matéria na pág. 15
- JORNAL DO BRASIL - CADERNO B | 28.Jun.2000 -
Cinema Paradiso do Sertão
*íntegra da matéria na pág. 16
- O GLOBO | 23.Dez.2009 -
Reinventando o cinema da infância
- O POVO - CADERNO VIDA & ARTE | 19.Nov.2009 -
Alguma coisa está fora de ordem
- DIÁRIO DO NORDESTE - CADERNO 3 | 08.Jun.2005 -
Cortes dinâmicos

ENSAIO "O GOLPE DO CORTE DE SOLON RIBEIRO" por André Parente

Solon Ribeiro, artista cearense com formação na Escola de Arte Decorativa de Paris, em seus trabalhos voltados para a imagem fotográfica. Como em muitos artistas contemporâneos, há em sua obra uma problematização que leva em conta o fenômeno contemporâneo da saturação de imagens. Para Solon, a imagem é um mistério, razão pela qual precisamos ressuscitar seus aspectos mágicos e metafísico.

Nos anos 1990, ele herdou de seu pai uma imensa coleção de mais de trinta mil fotogramas de filmes, iniciada nos anos de 1950 por seu avô Ubaldo Uberaba Solon, dono de uma sala de cinema no interior do Ceará. Esses fotogramas, que em geral mostram os atores principais dos filmes, foram cuidadosamente guardados em álbuns feitos para esse fim, contento o nome e o ano da produção. Parte da coleção, todavia, está fora desses álbuns e foi conservada de forma imprecisa, dificultando a identificação dos filmes de que foram extraídas.

O golpe do corte, termo de Solon para a serie de vídeos e instalações que fez com esses fotogramas, contem dois momentos essenciais: o próprio golpe de corte, que implica a extração de fotogramas dos filmes, e o corte posterior, operando por Solon na montagem e na encenação dessas imagens. Num dos trabalhos, por exemplos, Solon utiliza fotogramas com legendas e cria um dialogo imaginário entre os personagens. Noutro, projeta os fotogramas de cima, enquanto maneja uns almofadões, sobre os quais se deita, de modo que eles possam refletir melhor as imagens dos fotogramas projetados. Curiosamente, o artista parece um ator do cinema expressionista, um tanto incomodado pelas imagens que são projetadas sobre ele, como se fossem clichês que pudessem, porventura, roubar-lhe a alma

Vemos em tais trabalhos de Solon uma radicalização do espírito contido nas Cosmococas de, partindo de imagens-clichê, criar uma situação de ruptura com o NUMB-CINEMA, pela qual se estabelece um cinema participativo em que o espectador tem seu corpo liberado pelo CORPO-ROCK. Em outros termos, o de extrair dos momentos-clichê dos fotogramas uma performance ambiente que envolva tanto os espectadores quanto o próprio artista. A esse respeito, é bom lembrar que, num de seus primeiros trabalhos, Solon projetava as imagens sobre os corpos dos espectadores, a exemplo de Corpocinema, de Jeffrey Shaw.

Nos trabalhos mais recentes, por suas vez, Solon projeta os frames sobre seu próprio corpo. Num dos vídeos, ele aparece num matadouro, em meio restos de bois mortos. As imagens dos fotogramas, cheias de glamour, são completamente violentadas por gestos do artista, que interage com a carne, o sangue, as tripas e as imagens: ora ele parece o bandido da luz vermelha, ora Glauber Rocha em transe. Na verdade, os trabalhos quase-cinema de Solon estão intimamente relacionados à forma como Oiticica e Neville se apropriaram das imagens pop de Marilyn Monroe, Jimi Hendrix e Mick Jagger, para renová-las. Em outros momentos ultrapassam o sentido da apropriação pela parada na imagem, tornando-se uma espécie de arquivo vivo dotado de uma dimensão performática.

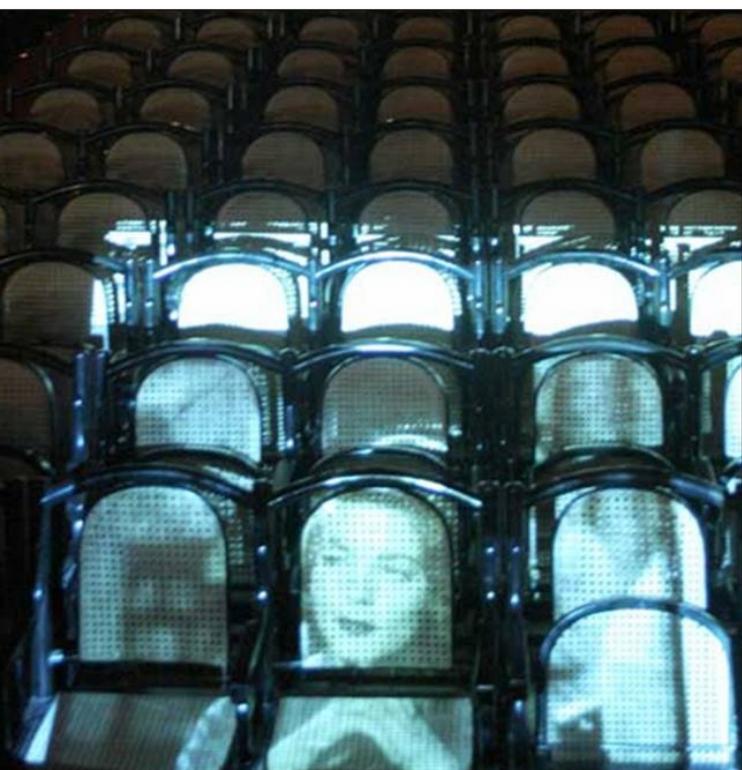


Assim, o que nos chama a atenção na obra de Solon não é apenas essa dimensão fractal, intermediária, que sempre nos deixa entre as imagens, entre a fotografia e o cinema, entre o cinema e a instalação, ou entre o espectador e o autor. Chamamos a atenção sobretudo a forma como seu trabalho é um convite ao espectador, para que crie a sua própria fabulação, valendo-se dos golpes e dos cortes operados pelo artista. Afinal, se Solon não gosta de se definir como um artista, é porque o artista, como diria Godrad, fixa-se num substantivo de majestade que destrói toda possibilidade de fabulação. O golpe de Solon consiste, portanto, num convite para que o espectador participe da mobilidade da obra, um convite à La Marville para que ele se perca na imagem - como o próprio Solon um dia se perdeu - e encontre uma forma de se renovar, de se recriar, de se reencontrar outro.

Dito de outro modo, o golpe de cinema de Solon se insere na tradição do cinema de invenção no Brasil, isto é, de um cinema de cujo personagem principal apresenta o que poderíamos chamar, provisoriamente, de certa idiotia do real como força espiritual. Trata-se, no mais das vezes, de mentecaptos, zumbis, macabéas, visionários e autômatos espirituais que habitam cada um de nos, uma vez que são como a pré-história de nossas consciências (O super-outro); de nossos pensamentos e impossibilidades de pensamento (A hora da estrela e Mar de rosas); de nossas sexualidades (Copacabana mon amour, O homem do pau-Brasil e Piranhas no asfalto); de nossas línguas (Tabu e Sermões); de nosso subdesenvolvimento (O bandido da luz vermelha e Vida secas); de nossos corpos maltratados e famintos (A opção ou as rosas da estrada e Jardim de espuma), salvos pela carnavalização e pela antropofagia (A lira do delírio); de nossa inocência (Inocência); de nossa loucura (Loucura e cultura, A idade da Terra, Imagens do inconsciente e Matou a família e oi ao cinema); e de nossa idiotia total (Bang bang, Sem essa aranha e Nem Sansão nem Dalila), que é a única forma de superar o intolerável que habita a nossa sociedade.

De fato, só a idiotia pode nos salvar da estupidez dos bárbaros arrogantes que fazem a mediocridade em tudo triunfar. Como diria Dostoievski: "Ele é idiotia, mas é um príncipe". Tais personagens tiram suas determinações espirituais de suas fraquezas, de um desejo desinteressado de afirmação da vida, de um desejo capaz de reunir a Terra ao Inconsciente. Com ele, é toda uma imagem-pensamento que se nos oferece como resistência as imagens-clichê e a verdades preestabelecidas, veiculadas pelo poder.

publicado originalmente no livro *TRANSCINEMAS*, organizado por Katia Maciel, coleção n-imagem, ed. Contra Capa, 2009.



Janelas do cinema

Artistas derrubam fronteiras entre cinema, vídeo e artes plásticas em três exposições

Paula Alzugaray

CINEMA – Eder Santos/ Luciana Brito Galeria, SP/ até 31/7

Quando o cinema se desfaz em fotograma – Solon Ribeiro/Galeria Virgilio, SP/ até 30/7

A grande ilusão – Sara Ramo e Cinthia Marcelle/ Galpão Fortes Vilaça, SP/ até 21/8

(...)



Outra exposição que importa acervos analógicos para os termos da cultura digital é “Quando o Cinema se Desfaz em Fotograma”, de Solon Ribeiro. O trabalho se dá a partir de um duplo procedimento de corte efetuado sobre filmes hollywoodianos, que eram projetados pelo avô do artista, dono de sala de cinema no interior do Ceará. Em um primeiro corte, estrelas como Rodolfo Valentino, Lauren Bacall e Liz Taylor eram recortadas de seus filmes pelo projetista do cinema, para logo serem organizadas em álbuns. Na segunda operação de corte, Ribeiro se debruça sobre esses acervos e inicia novos procedimentos de edição e aproveitamento das imagens. O resultado é um cinema que se desfaz não só em fotogramas, mas em performance, projeção, colagem, videoinstalação.



ILUSÃO

Solon Ribeiro se apropria de fotogramas hollywoodianos para construir novas narrativas

Os arquivos de Ribeiro ganham uma dimensão performática que altera a aura glamourosa das estrelas de cinema. Semelhante desconstrução pode ser experimentada na instalação “A Grande Ilusão”, em que Sara Ramo e Cinthia Marcelle fazem uma releitura do filme de Jean Renoir. O trabalho é uma videoinstalação atípica, que descarta o recurso da projeção em loop, mas se apoia num recurso básico da narrativa cinematográfica: a estrutura linear de começo, meio e fim. A presença de um projetista – figura tradicional da sala de cinema –, responsável por acionar o filme, é outro elemento importante, que demarca a identidade desse território como cinema. Todos esses elementos corroboram para criar uma ilusão que será colocada em suspensão. A revelação do dispositivo, oculto durante toda a projeção, acaba com a ilusão de que o cinema seja, afinal, imitação da vida.

Colaborou: Nina Gazire

http://www.istoe.com.br/reportagens/88112_JANELAS+DO+CINEMA

Solon Ribeiro na Virgilio



Solon Ribeiro, artista cearense, apresenta sua nova mostra individual na Galeria Virgilio, a partir das 19h do dia 7 de julho. Solon é formado em comunicação e arte pela L'école Supérieure des Arts Décoratifs, Paris-France. tem seus trabalhos voltados para a imagem fotográfica.

Nos anos 1990, ele herdou de seu pai uma imensa coleção de mais de trinta mil fotogramas de filmes, iniciada nos anos de 1950 por seu avô Ubaldo Uberaba Solon, dono de uma sala de cinema no interior do Ceará. Esses fotogramas, que em geral mostram os atores principais dos filmes, foram cuidadosamente guardados em álbuns feitos para esse fim, contendo o nome e o ano da produção. Parte da coleção, todavia, está fora desses álbuns e foi conservada de forma imprecisa, dificultando a identificação dos filmes de que foram extraídas.

Solon Ribeiro pesquisou em sua coleção de fotogramas de filmes lançados no cinema entre as décadas de 1920 e 1960. Os fotogramas serão exibidos em back-lights, totens e vídeo. Com o objetivo de descontextualizá-los de seu ambiente de origem, o artista quis retirar toda a simbologia da representação contida nesses fotogramas, apresentando-os simplesmente como imagens e possibilitando, assim, outras leituras. "É a partir da razão de ser da fotografia e do cinema com a construção de um corpo capaz de acolher o encontro da diversidade de linguagens, que procuro realizar um corte no tempo cinematográfico", afirma.

Sobre Solon Ribeiro- artista visual, fotógrafo, professor e curador, Solon é formado em comunicação e arte pela L'école Supérieure des Arts Décoratifs, Paris-France. É também autor dos livros "Lambe- Lambe Pequena História da Fotografia Popular" e "O Golpe do Corte".

Principais mostras coletivas e individuais do artista:

Exposições Coletivas

*"A Fotografia em perspectiva" - Museu de Arte Moderna de São Paulo • "Viva a natureza – morta" - Museu de Arte Contemporânea de Fortaleza • "Fotografia no Espelho" - Museu de Arte Moderna de São Paulo

Exposições Individuais

*"Quando o cinema se desfaz em fotograma" - Centro Cultural Banco do Nordeste - Fortaleza(CE)

* Quando o cinema se desfaz em fotograma -Fundação Nacional de Artes (Funarte)

Acervos:

* Museu de Arte Moderna de São Paulo.

* Museu de Arte Contemporânea do Centro Dragão do Mar - Fortaleza

* Fundação Nacional de Arte - Rio de Janeiro

Cidade: São Paulo

Endereço: Galeria Virgílio | Rua Virgílio de Carvalho Pinto, 426

Início: 07/07/2010

Fim: 30/07/2010

Horário: Segunda a sexta, das 10h às 19h; Sábado, das 10h às 17h

E-mail: artevirgilioi@uol.com.br

Telefone: (11) 3061-2999

Site: www.galeriavirgilio.com.br

'Quando o cinema se desfaz em fotograma' estreia dia 22 no Rio

A Fundação Nacional de Artes e o Centro Cultural Banco do Nordeste inauguram, no dia 22 de dezembro, a exposição Quando o Cinema se Desfaz em Fotograma, do artista cearense Solon Ribeiro. A mostra, organizada pelo artista Yuri Firmeza, ocupará o Mezanino do Palácio Gustavo Capanema, no Centro do Rio de Janeiro, até 10 de fevereiro de 2010. A entrada é gratuita.

Solon Ribeiro, artista formado na Escola de Arte Decorativa de Paris, realiza trabalhos que colocam em foco a problemática da imagem fotográfica. Nos anos 1990, ele herdou de seu pai uma coleção de mais de trinta mil fotogramas de cinema. O material começou a ser reunido, ainda nos anos 1950, por seu avô, Ubaldo Uberaba Solon, dono de uma sala de exibição no interior do Ceará.

Quando o Cinema se Desfaz em Fotograma apresenta, justamente, uma pesquisa em torno dessa coleção. Na exposição, os fotogramas estão descontextualizados, deslocados de seu ambiente original. Com isso, o artista retira das imagens a simbologia da representação e permite que as informações ali contidas produzam novos impactos visuais.

Os fotogramas serão exibidos em diferentes suportes, como back-lights, totens e projeções de vídeo. "É a partir da razão de ser da fotografia e do cinema, com a construção de um corpo capaz de acolher o encontro da diversidade de linguagens, que procuro realizar um corte no tempo cinematográfico, deslocando os fotogramas de sua função habitual", afirma o artista.

Sobre Solon Ribeiro

Artista visual, fotógrafo, professor e curador, Solon Ribeiro é formado em comunicação e arte pela L'École Supérieure des Arts Décoratifs, Paris-France. É também autor dos livros *Lambe-lambe: Pequena História da Fotografia Popular* e *O Golpe do Corte*.

Exposições que marcaram a carreira do artista: *Fotografia em Perspectiva* (Museu de Arte Moderna de São Paulo); *Viva a Natureza-morta* (Museu de Arte Contemporânea de Fortaleza); *Mitos Vadios, Anotações Fotográficas* (Museu de Arte Contemporânea de Fortaleza); *O Golpe do Corte* (Centro Cultural Banco do Nordeste – Fortaleza); e *Entrefotos* (Museu de Arte Contemporânea de João Pessoa).

Quando o cinema se desfaz em fotograma

Abertura: 22 de dezembro de 2009, terça-feira, às 18h

Visitação: de segunda a sexta, das 9h às 18h, até 10 de fevereiro de 2010

Local: Mezanino do Palácio Gustavo Capanema

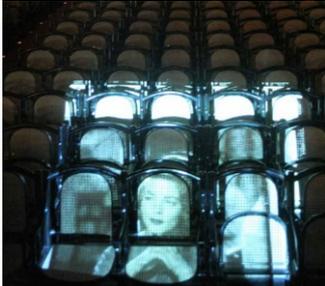
Rua da Imprensa, 16, Centro – Rio de Janeiro / RJ

Telefones: 21 2224 8319 / 2279 8089

Entrada Franca

<http://www.funarte.gov.br/artes-visuais/quando-o-cinema-se-desfaz-em-fotograma-estreia-dia-22-de-dezembro-no-rio/#>

A vida em celulóide



«Quando o cinema se desfaz em fotograma" é o mais novo trabalho de Solon Ribeiro, que será lançado, hoje, às 19h, no CCBNB-Fortaleza. Na mostra, o artista transformou frames de clássicos do cinema em vídeos, objetos e instalações artísticas

Perdido. Feito alguém que sai à procura de algo desconhecido. O olhar misterioso casa bem ao jeito casmurro. Em cima de uma moto, segue sua saga solitária, de onde só se sabe a justificativa: a perda de memória.

Em qualquer lugar que ele vá, fotogramas aparecem e se camuflam às imagens do real. A confusão entre ficção e realidade é evidente, como no momento em que chega próximo a uma piscina e vê nos corpos das meninas que nadam, frames reluzindo.



As cenas descritas fazem parte de "Sage", vídeo do "não-artista" Solon Ribeiro. Na história, um personagem desmemoriado se lança ao mundo em busca de si mesmo. Mas, enquanto não se "acha", vivencia inúmeras experiências. "Há mais ou menos três anos, que venho construindo uma ficção de mim mesmo. Meu personagem teve a memória roubada pela indústria do cinema. Por isso, é tão constante a relação entre o ficcional e o real. Por meio dele, estou livre para fazer o que eu quiser", justifica Solon.



Laboratório artístico

O vídeo, juntamente, a outros trabalhos estão presentes em "Quando o cinema se desfaz em fotogramas". Ação de Solon Ribeiro, que será inaugurada hoje, às 19 horas, no Centro Cultural Banco do Nordeste-Fortaleza (CCBNB).

A partir da coleção de mais de 30 mil fotogramas de cinema, álbuns catalogados, arquivados, com nome dos atores e dos filmes, iniciada por seu avô (que vai da década de 1930 à de 1960); Ribeiro desenvolve uma pesquisa, cujo intuito é deslocar os fotogramas de seu contexto original, transformando-os novamente em imagem (fotografia).

O potencial da coleção sofre uma espécie de resignificação. Ele ativa novamente os frames para a vida, mas agora imbricado em outro sentido. Já não importa quem são os atores e suas histórias,

mas sim a maneira como atuam nas poéticas construídas por Solon.

"É a partir da razão de ser da fotografia e do cinema com a construção de um corpo capaz de acolher o encontro da diversidade de linguagens, que procuro realizar um corte no tempo cinematográfico. Dos fotogramas criei vídeos, instalações e objetos. A escolha de cada um deles não acontece aleatoriamente, tudo é pensado conforme o contexto que pretendo dar", afirma. Os fotogramas serão exibidos em suportes como oito back-lights (uma espécie de expositor que é iluminado no verso), totens e projeções em vídeo.

Os trabalhos ocuparão o segundo andar do CCBNB, encontrando-se divididos em ambientes temáticos, como a "sala dos beijos". Nela, os visitantes poderão conferir cenas de clássicos do cinema, onde os personagens se beijam.

Além disso, haverá um ambiente de boate, comandada pelo VJ argentino MLIVE (Matias Sebastian Pereyra). Todo o evento de abertura será filmado para exibição no CCBNB, no decorrer da própria mostra.

"Quando o cinema se desfaz em fotograma" traz a proposta de não ser uma exposição. O trabalho é uma posição, que convida ao rompimento com o espaço expositivo de sua tradicional condição de receptáculo de "coisas" para o campo da experiência e da vida.

Solon Ribeiro tem como base para seu trabalho a coleção de mais de 30 mil fotogramas de cinema, álbuns catalogados, arquivados, com nome dos atores e dos filmes, herdada de seu avô. As imagens vão da década 1930 a 1960

Diferentemente do interesse das instituições de arte em expor processos de artistas, Solon repensa o próprio espaço como lugar da experiência processual. Ribeiro não é contra o ambiente expositivo. Ele é a favor de um tempo mutante, do risco, da incerteza, da mistura, e, sobretudo, do encontro com o outro.

Arte ao vivo

"Uma coisa importante dessa exposição é que não é uma exposição. É um acontecimento. As pessoas já estão cansadas desse tipo de formato. Na área da boate, que vai ser filmada para um futuro vídeo, por exemplo, não terei controle de nada, eu dependo de tudo e de todos. O que me interessa é a arte como vida", diz ele.

Para Solon, sua iniciativa consiste num laboratório vivo, que vai sendo produzido a medida em que vai acontecendo. O risco é a certeza, que possibilita a liberdade de criação no seu trabalho.

"O que diferencia o artista do artesão e do operário é o envolvimento com o risco, o se deixar levar pela dúvida", diz.

Conforme André Parente, artista e professor da pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Solon se insere na tradição do cinema de invenção no Brasil, ou seja, de um cinema em que o personagem principal apresenta o que poderíamos chamar, provisoriamente, de certa idiotia do real como força espiritual. "Trata-se, no mais das vezes, de mentecaptos, zumbis, macabéas, visionários e autômatos espirituais que habitam cada um de nós, uma vez que são como a pré-história de nossas consciências (O super-outro); de nossos pensamentos e impossibilidades de pensamento; de nossas sexualidades; línguas (Tabu e Sermões); subdesenvolvimento e loucura".

FIQUE POR DENTRO

Solon Ribeiro e a saga de um amante da sétima arte

Solon Ribeiro, artista cearense com formação na Escola de Arte Decorativa de Paris, tem seus trabalhos voltados para a imagem fotográfica. Como em muitos artistas contemporâneos, há em sua obra uma problematização que leva em conta o fenômeno contemporâneo da saturação de imagens. Para ele, a imagem é um mistério, motivo pelo qual precisamos ressuscitar seus aspectos mágicos e metafísicos.

Nos anos 1990, herdou de seu pai uma coleção de mais de trinta mil fotogramas de filmes, iniciada nos anos de 1950 por seu avô Ubaldo Uberaba Solon, dono de uma sala de cinema no interior do Ceará, mais precisamente na cidade do Crato. Os fotogramas, que em geral mostram os atores principais dos filmes, foram cuidadosamente guardados em álbuns feitos para com esse intuito, apresentando, ainda, o nome e o ano da produção.

Mais informações

"Quando o cinema se desfaz em fotograma", do professor e curador Solon Ribeiro, abertura, hoje, às 19 horas, no Centro Cultural Banco do Nordeste-Fortaleza.

Rua Floriano Peixoto, 941 - 2º andar - Centro.

Contatos: (85) 3464.3108.

ANA CECÍLIA SOARES
REPÓRTER

<http://diarionordeste.globo.com/materia.asp?codigo=681705>

Eu e os meus fotogramas

O quase-artista plástico Solon Ribeiro lança hoje seu livro "O Golpe do Corte", com imagens de filmes antigos

Eu não sou. Na verdade, eu sou um quase. Quase artista, quase cineasta, quase escritor. Quase amigo, quase companheiro, quase pai". Esquivando-se da auto-definição - e ao mesmo tempo reafirmando-a - o quase-fotógrafo Solon Ribeiro faz de sua proposta estética uma prática levada ao cotidiano. Funde comportamento pessoal e artístico, e deixa margem para as mais diversas interpretações. "Acho que existem tantas possibilidades de invenção. É bacana isso", declara. Ele lança o livro "O Golpe do Corte", hoje, às 19h30, no Livraria Livro Técnico do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura. O livro é resultado de muitos anos de proximidade com os fotogramas que coleciona.

"São sempre os fotogramas. Eu e os fotogramas. É um processo de 70 anos" - anterior ao próprio Solon. A história começa com o avô do quase-artista, que comprava rolos de filmes e cortava cada imagem. O pai - que era ao mesmo tempo advogado, biólogo e professor - continuou a coleção. Os sete filhos homens não se furtaram. Era uma mania na família. "Essa coleção que eu herdei tem todos os clássicos: o primeiro beijo no cinema, todos os Tarzans. Tem tudo até pelo menos nos anos 70. O que falta na coleção é Charlie Chaplin. Ele nunca conseguiu", lamenta.

Hollywood, uma constante nos fotogramas, está lá por um motivo específico. "Não só esse livro, não só a exposição (que aconteceu em 2005 e é parte desse projeto). Tudo se trata do fim do cinema, do fim do sonho do cinema. Eu tenho a impressão que antes de Hollywood o cinema era mais livre. Hollywood acabou com o sonho do cinema", aponta. A decadência das relações, acredita, começou com a fotografia. "O homem da literatura passava duas horas falando das pessoas. Agora você não fala como, você mostra uma foto".

O livro acaba sendo "um milésimo, do milésimo, do milésimo" de uma luta que artistas, aqui em Fortaleza, empreendem para recuperar o sonho e o cinema. "A minha idéia é montar um filme que seja impresso, não projetado. Isso é o comecinho do que daqui a dez, cinco anos eu vou realizar. Esse é um ensaio, com cerca de vinte fotogramas. Tudo está só começando: eu quero um livro com mais de 30 mil deles". A idéia de ter um resultado final não angustia Solon. "Mas comigo tudo é um processo. Nada acaba", esclarece o quase-professor.

Acompanhando o livro, um DVD com sete curtas que fizeram parte dessa exposição de 2005 no Centro Cultural BNB. E mais uma vez Solon descarta as definições fechadas e escolhe o "quase" para falar do DVD e do livro. "O livro é um cinema primitivo. É mais radical do que o que eu apresentei no Alpendre (dentro da exposição 'Circuito Intensivo', com outros cinco artistas). E é também cinema, porque são fotogramas de cinema. Mas não é vídeo. Ele é quase. Mas é mais quase cinema do que quase vídeo". O importante é não se fechar em amarras.

Tanto que o quase-cineasta encontra em outra forma artística, a música, maneiras de encarar o trabalho que vem desenvolvendo, aproximando o que faz aos samplers e remixes dos DJs. "O que eu faço é igual os remixes dos DJs. É igual, igual, igual um DJ. Eu pego os pedaços, vou colando e dá outra coisa. Mas eu só copio e colo", provoca. Em "O Golpe do Corte", alguns outros pensamentos chegam para fazer parte dessa colagem. No livro, entrevista que Solon concedeu à jornalista Ethel de Paula e texto do professor Alexandre Barbalho. "O Golpe do Corte" pode ser também uma visão de vida, dos supérfluos e do que não merece tempo e disposição. "A todo minuto você tem que dar cortes na vida. Sem drama, sem estresse. Deixando como tem que ser".

Júlia Lopes
Repórter

Mais informações:

Lançamento do livro 'O Golpe do Corte', de Solon Ribeiro.
Hoje, às 19h30 na Livraria Livro Técnico do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.
Contato: (85) 3433.9490

<http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=525695>

Cinema Paradiso do Sertão

Com três gerações de obsessivos colecionadores de fotogramas, família cearense guarda 35 mil preciosas imagens que recontam a história do cinema

PAULO THIAGO DE MELLO

Uma das virtudes do filme *Cinema Paradiso*, do diretor italiano Giuseppe Tornatore, é certamente a identificação que o público estabelece com o menino protagonista e sua paixão pela sétima arte. A mesma paixão que fez com que Caetano Veloso, por exemplo, desejasse ser cineasta ao invés de compositor, atravessado que foi pelas poderosas imagens do cinema, ainda na Bahia da sua infância. Afinal, como ser o mesmo após passar pelas seqüências líricas de Fellini ou não sofrer com a sensação de perda da cena final de *Casablanca*? Ninguém deixará de concordar que os homens, de fato, preferem as louras, depois de ver Marilyn Monroe no filme de Howard Hawks. É esta mesma intensidade que moveu pelo interior do país os colecionadores de fotogramas de cinema. Apaixonados anônimos que assistiam aos filmes e depois da sessão, querendo levar para casa uma prova mais concreta daquelas histórias marcantes, negociavam com o projetorista as sobras dos rolos ou, o que era ainda mais difícil, o corte de fotogramas das cenas escolhidas.

O artista plástico e fotógrafo cearense Solon Ribeiro é hoje herdeiro da maior coleção de fotogramas do país, que pertenceu ao pai, Eduardo Pierre Solon, e foi iniciada pelo avô, Ubaldo Solon. São três gerações e cerca de 35 mil imagens coletadas obsessivamente de 1936 a 1957, "quando os clássicos começaram a morrer", diz Solon em tom de saudade. Entre as imagens, algumas preciosidades cujos originais a Paramount perdeu em um incêndio. Desse volume, um terço está totalmente catalogado e armazenado em álbuns construídos de forma artesanal, com o nome dos atores e do filme. Cada álbum com 50 páginas e 20 fotogramas em cada uma delas. Iniciada em Sobral, a coleção se desenvolveu mesmo no Crato, para onde a família se mudou. Solon e os sete irmãos cresceram ajudando o pai a coletar as preciosas imagens e, logo, todos tinham seus próprios fotogramas. "Sobretudo das musas que à noite perturbavam o nosso sono", diverte-se o fotógrafo.

"A coleção passou a ser uma atividade coletiva da família", diz Solon. "Meu pai nos incumbia de ir ao velho Cine São João, em Sobral, ou aos cinemas das cidades próximas negociar imagens dentro de critérios rigorosos de composição e iluminação. O protagonista tinha que estar em close. Assistíamos aos filmes munidos de blocos para marcar as seqüências importantes e muitas vezes pagamos o projetorista para fazer uma sessão exclusiva para podermos escolher o fotograma preciso. Cheguei a assistir mais de dez vezes o mesmo filme para descobrir a cena ideal". Mesmo assim, às vezes o esforço era em vão. "Meu pai cansou de rejeitar nossos fotogramas.

Quando isso acontecia, tínhamos que voltar e começar tudo outra vez", lembra-se o fotógrafo.

Tanto rigor e obsessão só poderia resultar em um acervo realmente singular. Em duas décadas recolhendo os preciosos fotogramas, a coleção registra fases importantes do cinema mudo e falado. Também estão nas páginas envelhecidas dos álbuns os primórdios do cinema brasileiro, com os filmes da Atlântida e seus astros, como Oscarito e Zé Trindade. Carmen Miranda aparece em cena de *Uma noite no Rio*. Também não poderia faltar num trabalho como este o primeiro beijo do cinema. Trata-se de um filme de um minuto de duração, de 1895, chamado *The may Irving-John C. Rice Kiss*. O primeiro fotograma da coleção, no entanto, é um close de Johnny Weissmuller em *Tarzan, o filho da selva*, do início dos anos 30.

Também há histórias interessantes. Um dia, conta Solon, apareceu um homem em sua casa e ficou horas examinando a coleção. No final quis comprar um fotograma, mas o pai se recusou a vendê-lo. O homem não pensou duas vezes e ofereceu o carro pelo pequeno slide de 16mm e novamente esbarrou na obstinação do velho colecionador. "Depois disso sempre ouvi minha mãe brigando com meu pai, pois não entrava em sua cabeça que um fotograma aparentemente sem serventia alguma pudesse valer mais que um carro", conta o fotógrafo. A diversão da família e dos amigos era projetar as cenas através de caixas improvisadas com fortes lâmpadas. A partir de 1957 o pai de Solon guardou a coleção em um cofre e se isolou em um sítio no interior do Ceará.

De posse de tamanho tesouro, Solon ainda não sabe bem o que fazer com este acervo. Busca alguma instituição que o ajude a catalogar os dois terços ainda sem organização e conservar os fotogramas. O artista cearense, que acaba de lançar um livro sobre os fotógrafos lambe-lambe do Nordeste (*Lambe-lambe*, em edição independente), também trabalha em um roteiro para um documentário, chamado *Roliúde*, que utilizaria em um enredo inimaginável os personagens mais célebres do cinema para contar a história da coleção. "O problema seria negociar os direitos autorais", diz. De concreto mesmo há o projeto de videoclipe da música de Fausto Nilo sobre a musa de sarongue, Dorothy Lamour.

Enquanto os projetos não acontecem, o acervo permanece guardado em Fortaleza, onde o artista reside atualmente. É a história do cinema contada quadro a quadro e uma história que se confunde com a própria vida do colecionador. Por isso, é possível ver nos olhos de Solon Ribeiro o mesmo brilho do menino que invadia a sala de projeção no filme de Tornatore para tentar desvendar a magia do cinema e de sua própria alma.



Herdeiro da maior coleção de fotogramas do país, Solon Ribeiro folheia um de seus álbuns: pai se negou a trocar uma imagem por um carro

Colecionador Eduardo Solon

Eduardo Solon começou sua coleção de fotogramas ainda criança, conseguidos no Cine São João, em Sobral. Seu álbum foi aumentando em sua passagem pelo Crato. Já Fortaleza chegou ao auge quando frequentava as sessões dos cines Rex e Diogo ■

ANA CLÁUDIA PERES

Da Editoria do Vida & Arte

Bastou Humphrey Bogart acenar o adeus a Ingrid Bergman na saída do aeroporto, Sam tocar outra vez "As Time Goes By" e o cinema se desmanchar em lágrimas, para que o projecionista em Juazeiro do Norte, de gilete em punho, golpeasse *Casablanca*. Dois pequenos cortes que ninguém notou. Mas dias depois Manuel Eduardo Pierre Solon, que morava no Crato e colecionava fotogramas, recebeu a encomenda num envelope selado: o casal protagonista em quadros frontais. Era o clássico que faltava para preencher mais um álbum já abarrotado de poses cinematográficas. São pelo menos 6000 delas — sem contar as que não estão arquivadas — resultado de um hobby quase obsessivo que durou de 1936 a 1957.

Hoje, aos 75 anos, isolado da vida real e do cinema em seu sítio de Iparana, o colecionador nunca passa as vistas no precioso material. Só a pedidos, vez por outra. É pena. Boa parte da história do cinema está registrada nas páginas amareladas dos álbuns onde os fotogramas eram fi-

xados. Fazem parêlha com Bogart e Ingrid, raridades como Judy Garland em *O Mágico de Oz* e Marilyn Monroe em *Os Homens Preferem as Louras*; ou então um Kirk Douglas viril de *Glória Feita de Sangue*, um Marlon Brando bárbaro de *O Selvagem* e uma Brigitte Bardot cocota de *Brotinho de Outro Mundo*. Na sessão tupiniquim Zé Trindade, Nelson Gonçalves, Emília Borba e John Herbert em *O Feijão é Nosso* dividem o espaço com Oscarito em *Matar ou* *Correr* — paródia da Atlântida para o hollywoodiano *Matar ou Morrer* que, diga-se de passagem, também marca presença na coleção no fotograma de Gary Cooper.

É só o começo. Quando morava em Sobral, menino ainda, Eduardo Solon descobriu os fotogramas — aqueles quadros das fitas de cinema que, postos em sequência, dão origem ao movimento de cenas na tela grande. Decidiu que

queria juntá-los. Mas não as sobras dos rolos como fazia a garotada de sua idade. "Os pedaços que quebravam das fitas tinham o ponto muito pequeno e não serviam para o que eu queria", explica ele que costumava jogar dados com os amigos apostando fotogramas em vez de figurinhas. O primeiro da coleção, Eduardo Solon nunca esquece: "Eu tinha 11 anos e foi *Tarzan, o Filho da Selva*". O último, talvez: "Não sei qual era ao cer-

Aos 75 anos, isolado em seu sítio de Iparana, o colecionador nunca passa as vistas no precioso material. É pena. Boa parte da história do cinema está registrada nas páginas amareladas dos álbuns onde os fotogramas eram fixados

to. Mas foi em 1957, quando os clássicos começaram a desaparecer. Os modernos não prendem o meu espírito nem tem mais atores que prestem".

Naquela época, assistia a todos. Ocorre que para virar um exímio colecionador de fotogramas não basta apenas gos-

tar de cinema. Outros pré-requisitos: uma boa dose de paciência e uma outra de abnegação. Eduardo Solon, que era um desses, só ia pro cinema

na companhia de um caderno de notas. Nada mais. "Nem noiva eu levava, que era pra não me distrair", confessa. Dotado com a virtude de Jó, ele primeiro rabiscava hora, minuto e segundo do plano que mais lhe interessava na tela. "Sempre aquele em que os protagonistas ou alguns coadjuvantes estivessem em close", pontua. Findo o filme, começava a segunda batalha: convencer o projetorista a cortar o pedaço da fita equivalente às suas anotações. Mesmo gozando da amizade do responsável pela tarefa, tinha de pagar por isso, o que o obrigava a juntar todo o dinheiro da merenda para trocá-lo por fotograma durante as sessões Colosso, que passavam aos sábados no cine São João, de Sobral, com os dois filmes da semana.

Aconteceu de uma vez não ter o necessário para os fotogramas de *Cidade Sem Lei*. Sem problemas. Eduardo Solon não se acanhou em roubar galinhas até apurar o suficiente para alguns fotogramas de Errol Flynn. Noutra investida foi bater em Recife à cata de Charles Chaplin em *O Grande Ditador*. Che-

gou atrasado e a coleção fica devendo essa: não tem um fotograma de Carlitos. Mas cobre duas décadas e três fases do cinema — o mudo, o movietone e o falado — com competência. Com direito a dois fotogramas da cena do primeiro beijo do cinema trocado entre May Irvin e John C. Rice; um outro de Al Jolson em *O Cantor de Jazz*, primeiro filme sonoro de Hollywood; e vários de *O Cangaceiro*, filme que Lima Barreto dirigiu há 35 anos, grande marco do cinema nacional — nesse caso,

Para virar um exímio colecionador de fotogramas, não basta apenas gostar de cinema. Outros pré-requisitos: uma boa dose de paciência e uma outra de abnegação.

Eduardo Solon era um desses que só ia ao cinema com caderninho de anotações

além dos closes de Milton Ribeiro, Alberto Ruschel e Marisa Prado, a coleção capricha numa seqüência da abertura do filme.

Não venham com a conversa de que por se tratar de coleção particular e artesanal, sem compromisso com a pesquisa e que não registra datas ou a ficha técnica completa dos filmes, perde o valor. Pelo contrário. Menos didática e mais divertida, ela dá prazer de sobra entre fotogramas preto e branco e em cores. Mais alguns: Rock Hudson, em *Gigantes em Fúria*; Elizabeth Taylor, em *Rapsódia*; Grace Kelly e Ja-

mes Stewart em *Janela Indiscreta*; Orson Welles em *O Amanhã É Eterno*; Pablito Calvo em *Marcelino Pão e Vinho*; Susan Shentall e Laurence Harvey em *Romeu e Julieta*; Jane Fonda em *Até os Fortes Vacilam*; Dorothy Lamour e Anthony Quinn em *O Último Expresso de Madri*; Stewart Granger e Janet Leigh em *Scaramouche*; e Mario Moreno Cantinflas em *O Engraxate*.

Se não tivesse parado de colecionar depois de passar pelos cinemas de Sobral, Crato e ainda Rex e Diogo, em Fortaleza, Eduardo Solon teria trabalho para conservar os fotogramas de 16 milímetros dos filmes de hoje — os seus ainda são de 35 milímetros. Bioquímico, farmacêutico e professor aposentado da faculdade de Direito, formado ainda em Administração de Empresas, quase não fala mais sobre cinema. Enquanto folheia a coleção, deixa escapar um "Ô elenco!" para elogiar a atuação de Robert Mitchum e Ava Gardner em *Orgulho e Ódio* ou "Grande Filme!" se referindo a *O Médico e o Monstro*, com Ingrid Bergman. E tece um ou outro comentário com curiosidades sobre as produções que ele acompanhou de longe. "Pra mim, quando morre um é como se eu tivesse junto e, quando vejo um envelhecer, é mesmo que observar o meu envelhecimento", desabafa. "É que eu vivi a vida deles".

o Sr. Eduardo Solon descobriu os fotogramas ainda menino. Decidiu que queria juntá-los. Esse hobby quase obsessivo durou de 1936 a 1957.

